

## **Arquitetura de museus: uma análise da relação dos museus contemporâneos e a museologia**

Andressa Torres Correia de Mello  
Contato: andressa\_mello@yahoo.com.br

Linha de pesquisa: História da Arquitetura, do urbanismo e do território

---

### **1 INTRODUÇÃO**

As atividades que são realizadas em um museu surgiram através da transformação e a mudança do seu papel na sociedade e pela qual continua passando por mutações cada vez mais expressivas. A imagem dos museus atrelada a uma instituição passiva e elitista alterou-se para centros difusores de conhecimento, extensão do ensino pedagógico, e agora, para locais de diversão e centros de lazer; essas transformações influenciaram ainda nas funções dessa instituição, na sua responsabilidade e nas atividades exercidas dentro dos museus diante de uma conjuntura social atuante e reivindicadora de políticas voltadas à cultura e educação.

Transformações ocorreram não só internamente à instituição (museus em si), como também fora dela. O acelerado desenvolvimento urbano de algumas cidades tem repercutido para a crescente reprodução desse

equipamento em cidades como forma de atração de recursos e capitais. Nesse sentido, tem se tornado cada vez mais recorrente a encomenda desses equipamentos a renomados escritórios de arquitetura, sobretudo norte-americanos e europeus, fazendo destes edifícios uma obra de arte em si, que em alguns casos contribuem para uma dinâmica e revitalização de áreas urbanas, seja positiva ou negativamente.

Os museus hoje, são encarados como negócios rentáveis para as comunidades pós industriais que os abrigam, aglutinando múltiplos usos e funcionando como pólos atratores de turistas. (Fabbrini, 2008, p. 255) afirma que a maratona dos museus “última inovação cultural do fim do século XX”, segundo Huyssen, assumiu ritmos diversos em razão de alterações na conjuntura econômica internacional e da política cultural de cada país, muitas vezes atreladas a mudança da função dos

próprios museus, o valor de mercado da arte, os tipos e fontes de financiamento, leis tributárias e o vaivém do turismo internacional.

Esses fatores interligados não surgem como respostas imediatas, mas fica evidente que este é o caminho que o perfil do museu da atualidade como um museu monumento vem trilhando. Salienta-se também de forma “monumental”, o anseio de que alguns museus contemporâneos tornaram marca de um estilo de poder econômico multinacional, a exemplo do Guggenheim. Com tal imagem é possível depreender que o novo museu é um produto cultural que legitima a modernização global como estilo de vida.

O modo como se configura a forma de exposição do patrimônio museológico, assim como o planejamento de suas exposições e como se comunica com o visitante, são elementos que alteram ou interferem na configuração espacial, sendo assim, um processo bidirecional. Não só os museus se transformaram, a museologia também tem evoluído, e com isso, tem se constituído em duas vertentes: a museologia tradicional e a nova museologia segundo (Rangel, 2007, p.14).

O entendimento da relação entre a museologia e a arquitetura é vista como ponto forte e crucial para o conhecimento crítico da conformação atual e dos espaços do museu, inclui-se o papel social de alguns

museus contemporâneos. Cada espaço do programa do museu, toda a dinâmica em torno desse equipamento é um ponto chave para o estreitamento da sua conformação espacial com seu papel na sociedade. O forma como está organizado a exposição ou como os objetos são distribuídos ao longo dos espaços de exposição (museografia) são motivos para modificar e “ler” os espaços museais pelo público e fazer a comunidade parte integrante desta instituição.

Surge então, diante disso um questionamento: será que os museus contemporâneos tem cumprido com seu papel social que a nova museologia tem apontado? Será que esses museus tem feito uma ponte direta entre o patrimônio cultural e a comunidade ativa?

Este artigo objetiva discutir numa perspectiva teórica a problematização da relação entre museologia e arquitetura de museus, mostrando ao leitor um entendimento sobre as transformações ocorridas no programa desse tipo de arquitetura

Ele é parte integrante da dissertação em andamento. Ele se constitui uma intersecção entre museus contemporâneos, a museologia e a nova museologia Para a dissertação que está em andamento, se fez necessário o levantamento de do cenário dos museus contemporâneos desde os anos 70 aos mais atuais, para tal fim, foi utilizado o livro Arquitetura Contemporânea:

uma história concisa, pois ela faz uma classificação dos museus contemporâneos em blocos, segundo seus acervos, forma e proposta dividindo- os em museus: museu-depósito, museu-relicário, *shopping centers cultural* e museu-espetáculo. Obedecendo a uma ordem cronológica, até a década de 70 dominavam o museu relicário e o depósito, durante o século XX, já na década de 80 tendessem a desviar-se para o terceiro tipo, o *shopping center cultural* tomando rumo à esfera do espetáculo (Ghirardo, 2009, p.82).

Fomentar e alimentar reflexões a esse respeito é o grande cerne da pesquisa em andamento de onde se extraiu esse entrecorte, logo, a dissertação faz uma ponte entre a nova museologia, difundida pelo francês Desavallésii com a arquitetura, principalmente a contemporânea acerca dos novos museus.

Substancialmente, a compreensão do amplo cenário em que se situa a questão arquitetônica em museus contemporâneos é o primeiro passo para abordar a arquitetura dos novos museus – foco de estudo da pesquisa em andamento. Ele apresenta uma síntese bibliográfica na evolução dos projetos de museus (sua configuração interna) ao mesmo tempo que transcorremos cronologicamente até a atualidade.

A análise partiu da leitura de artigos, textos e afins sobre o conteúdo, principalmente autores como Diana

Ghirardo, pois cada espaço do programa do museu, toda a dinâmica em torno desse equipamento, é um ponto chave para o estreitamento da conformação espacial desse equipamento, com seu papel na sociedade.

O final da década de sessenta marca o surgimento de questionamentos frente ao papel dos museus que afloram, conforme afirma Gonçalves (2004, p.62), pois, “os museus são questionados como instrumento cultural e acusados de serem instituições passivas, voltadas para as camadas sociais mais privilegiadas”. Essas críticas nascem na museologia tradicional e se desdobram para o que hoje se intenciona nova museologia.

## 2 MUSEUS CONTEMPORÂNEOS

A arte de colecionar se constitui como uma prática antiga e inerente ao homem, perdurando até meados da Revolução Francesa, sec. XVIII, sendo que essas coleções não tinham um edifício específico a esse fim.

A definição de uma tipologia dos museus precedeu qualquer proposição arquitetônica com a intenção de tornar pública as coleções abrindo-as para a população. Começava então, a surgir uma nova ideia: as galerias museus que eram abertas ao público, deveriam tornar-se edifícios independentes. O passo decisivo para a criação dos Museus Nacionais. A tipologia palaciana<sup>iii</sup> dentro da qual as galerias se originaram, foi

naturalmente a primeira manifestação arquitetônica dos insurgentes museus – isso quando os próprios palácios – caso do Museu do Louvre, em Paris, a partir de 1793 – não eram convertidos em museus segundo Fischmann (2003, p.19).

Exemplos como Museu Del Prado, 1784 (inacabado por Juan Vilanueva e continuado por Antonio López Aguado), ou Altes Museum de Berlim, 1822-1823 (de Karl Friedrich Schinkel), exemplos notórios de Museus Nacionais, conseguiram resultados significativos em termos urbanos e simbólicos durante mais de um século. Salienta-se que modelos adotados por Schinkel e apropriados pela maioria dos arquitetos do século XIX partiram do modelo de Durand (*École Polytechnique*) como afirma Fischmann (2003, p.23). Esse modelo adotado por Durand perdurou até o fim do século XIX, e boa parte do século XX, dividindo com o Movimento Moderno (próximo tópico) a preferência dos arquitetos.

O surgimento do Movimento Moderno influenciará de forma determinante a concepção de museus, não só na forma de elaborar o projeto, mas sim a sua dinâmica espacial interna. Correntes de pensamentos surgidas no início do século XX despontam como críticas fortes aos projetos de museus palacianos, tais como considerando-os como escuros, cansativos e pesados e nada instrutivos.

Kiefer (1998, p.26) afirma que uma alteração importante na forma do museu modernista vai ser a simplificação de seus espaços internos. As circulações e as salas de exposição se integram num continuum espacial. A fluidez e a transparência são as marcas do museu desse período. Fluidez e transparência que a maior parte das vezes inclui também os espaços exteriores desses edifícios.

Não apenas a forma se modificou, mas também todo o recurso programático do programa de necessidades houve a inserção de novos serviços como restaurantes, parques, jardins. As novidades em relação ao programa foram sutis, as modificações que romperam com a tipologia palaciana foi na iluminação, o uso de muita luz natural incidindo às amplas circulações e os grandes espaços de exposições muito mais integrados e fluidos foram mais fortes. As novidades que foram introduzidas pelas primeiras gerações de arquitetos modernos foram feitas de forma muito mais intuitiva que científica afirma Kiefer (1998, p.27).

As ideias dos arquitetos modernistas se propagaram por um longo período até que em 1970/80 surgem mudanças no modo de pensar e planejar o museu. Concomitantemente, a arte também se transforma, se redescobre com a chegada das vanguardas mais modernas e recentes, a inserção (retomada) de elementos históricos – inclusão de elementos

acadêmicos, preocupação com a inserção urbana, além de uma nova postura e atitude dos arquitetos, mas mais do que tudo isso, um aspecto importante será a inserção da ciência museológica, principalmente a partir dos anos 80.

Um exemplar que representa muito bem o ponto da mudança na concepção dos museus atualmente é o Centro Georges Pompidou, em Paris, inaugurado em 1977, um centro multidisciplinar, com função informativa e comunicativa, um lugar de encontro, cujo cerne se concentra na valorização do público.

Embora o Centro Pompidou seja um marco da mudança do “cenário museal”, foi a multiplicidade de suas funções que mais se destacou. Dentro do centro foram colocadas atividades não só de exposições, mas sim, atividades multidisciplinares – que mudaram o programa das instituições posteriores – como também, espaços de socialização idealizados por seus projetistas.

Sobre o arrojo da fachada do Centro Pompidou com suas linhas *high tect*, Ghirardo (2009, p.95) diz que Piano e Rogers trouxeram uma fachada tumultuada enfatizando o tipo de museu-depósito como um artefato de alta tecnologia, e sobretudo como recipiente historicamente neutro da cultura em diversos níveis; ela vai mais além quando afirma que os arquitetos optaram deliberadamente por ignorar o contexto, não fazendo

tentativas de ajustar o projeto às cercanias ou de diminuir sua natureza intrusiva, concluindo que o tecido urbano circundante dos séculos XVII a XIX foi desconsiderado, priorizando a extraordinariedade do edifício e desconsiderando as construções do entorno e as relações urbanas pré-existentes.

Além do museu-depósito Ghirardo (2009, p.99) aponta um novo modelo de museu, o *shopping center cultural* onde a afirma que as estratégias mercadológicas dos museus apagaram as distinções entre comércio e arte através da criação de lojas dentro dos museus cada vez mais elaboradas e importantes, como também novas estratégias exposições que criam um vínculo entre as obras expostas e a venda de uma ampla gama de itens não mais limitados a pôsters, cartaz ou catálogos, incluem-se também no programa, a inserção de restaurantes, auditórios e teatros. Na outra via *shopping centers* instalam cinemas, concertos, salas de exposições, resultado: uma homogeneidade de interesses a ponto de tornarem instituições museais irreconhecíveis, do que é o *shopping* e o que é museu.

As lojas dentro de museus e centros culturais se espalham como uma febre, demonstrando que esses equipamentos – cada vez mais multifuncionais – inserem-se atualmente na lógica empresarial voltado para a economia de mercado e a indústria do consumo. O Museu de Arte Contemporânea, em Los Angeles,

1986, projetado por Arata Isozaki, é um exemplo disso: há no interior do museu loja para a compra de produtos, e, no *site* do museu, há um espaço para a comercialização desses produtos (como, posters, cartões, além de canecas com impressão de obra de Andy Warhol<sup>v</sup>, bolsas, camisetas, caixas decorativas).

Não só o programa abarcando as áreas de circulação predominante de público, os espaços expositivos, e os espaços de socialização que passaram por transformações, segundo Kiefer (2000, p.23), a área técnica se modificou, tornando-se cada vez mais complexa. Muitos museus considerados novos museus passaram por reformas que o modernizassem para que atendessem às exigências estabelecidas pelo ICOM.

### 3 MUSEOLOGIA E A NOVA MUSEOLOGIA

Sabendo que a museologia tem apontado nas últimas décadas para a democratização do patrimônio museológico para o conhecimento, e consequentemente, a sua evolução para a nova museologia como um ato pedagógico para o ecodesenvolvimento, os museus passaram de ambientes da salvaguarda de coleções a eventos midiáticos.

Silvia (2007, 181), na sua dissertação, afirma que a situação de muitos museus brasileiros constata a inexistência de programas fundamentais para a

instituição, não só no âmbito espacial como também no institucional, e complementa que instituição museal deve contar com uma equipe multidisciplinar de profissionais que trabalhem não só pela importante tarefa da conservação, guarda e exposição do acervo, mas que busquem manter a instituição contextualizada em seu tempo e em constante renovação.

O essencial para a Nova Museologia será o aprofundamento nas questões de interdisciplinaridade e a perspectiva de uma reflexão crítica sobre a área. Neste momento, a investigação e a interpretação passam a assumir um papel fundamental no contexto museológico, e o objetivo da museologia deve se transferir para o desenvolvimento comunitário, e não somente da questão preservacionista de bens materiais (SANTOS, 2005, p.33)

Assim sendo, Hansen, (1984, *apud* Santos, 1996, p.46) conclui que os museus acabam enxergando só a si, tratando em segundo plano os problemas da sociedade, em que os museus devem deixar de ser passivos colecionadores, para se tornarem participantes ativos nas transformações da sociedade. Eles não devem simplesmente empregar novos métodos, mas devem ser um novo intermediário destemido, encarando os problemas complexos e crescentes, [...] relativos à existência humana procurando encontrar as respostas.

Esse é o grande espírito da nova museologia, é o grande discurso.

Algumas vezes, ocorre uma disfunção de planejamento que impede o correto desenvolvimento das etapas de projeto, ou seja, a museologia é chamada para criar conteúdo para um projeto arquitetônico já delineado e, pior do que isso, já aprovado. Nesse caso é preciso atuar com habilidade e firmeza para impedir que o projeto se desestruture e, ao mesmo tempo, garantir espaço para o desenvolvimento de etapas de diagnóstico e anteprojecto museológico que haviam ficado esquecidos.

A colaboração entre o profissional da museologia e os arquitetos é determinante para a boa condução dos trabalhos de concepção de um museu, a fim de se obter bons resultados para a concretização do projeto, para ações futuras e para a sustentabilidade do museu afirma (Franco, 2006, p.2)

#### **4 QUANDO SOBREPOMOS OS CONCEITOS – EXEMPLOS**

Espera-se que a museologia agrupada a arquitetura proporcione um “casamento” que possibilite o encontro das respostas de alguns questionamentos. Logo, sendo a arquitetura e a museologia dois caminhos investigativos próprios e autônomos, deve-se entender e estabelecer a

relação de forma dinâmica, de influência mútua entre as partes conforme.

Não só de exemplos midiáticos e espetaculares compõem o cenário da arquitetura, como exemplifica Ghirardo (2009, p.105). Ela mostra exemplos de museus que tiveram soluções alternativas que fogem do museu tipo *shopping center cultural* e relicário, conceitos mostrados ao longo deste artigo. A combinação clientes decididos e arquitetos cuidadosos dispostos a ignorar o fascínio da moda e da imagem prontamente vendável, são os dois ingredientes necessários para a obtenção de resultados mais duradouros.

O museu citado por ela pertence ao arquiteto Tadao Ando. Ghirardo (2009, p.105) explica que o Museu das Crianças, 1988-89 em Hyogo possui uma perfeita combinação entre programa e intencionalidade, Ando abriu mão das muitas características do museu contemporâneo e o resultado foi um museu inspirador, simples mas mágico para as brincadeiras das crianças. Esse museu torna-se um exemplo claro de museu que teve o cuidado do arquiteto e princípios básicos da nova museologia.

O projeto tem por base a profunda interpenetração entre forma construída e natureza, “espaços projetados com rigor geométricos, mas articulados” o programa é composto por biblioteca, sala de jogos teatro infantil e

oficina, formando um local que convida as crianças a brincar. Tadao aspira criar prédios com uma lógica clara, com respostas às necessidades cotidianas e seus ocupantes que se envolvem em um diálogo com a natureza.

Outro exemplo interessante de ser apresentado é o Museu do Século XXI de Kanazawa, 2005. Uma instituição que surgiu com duas propostas: a integração entre os desenhos dos espaços e seu programa (o projeto é o resultado de uma parceria de quatro anos entre o escritório de arquitetura e seus funcionários) e a segunda o “iniciador” em que na maioria dos museus, o curador quem toma a frente do que colecionador. Nesse museu, fez com que o público que tomasse essa decisão (SILVA, 2007, p.182).

Durante o processo de projeto, houve muitos debates entre a equipe curatorial e os arquitetos. Nos três primeiros meses, foram desenvolvidos muitos desenhos e modelos, explorando as questões discutidas. O edifício traduz em seus espaços todas as metas da instituição, sendo um componente decisivo para seu sucesso continua Silva (2007, p.173).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve o objetivo de abrir a discussão acerca da relação entre museologia e arquitetura dos museus

contemporâneos. Em relação ao assunto discutido infere-se, que a maioria dos museus contemporâneos submetem a segundo plano os preceitos da museologia na elaboração de um projeto de museu. Se percebe isso comprovado em alguns museus classificados por Ghirardo como museu depósito, ou o *shopping center cultural*.

Como resposta aos questionamentos em torno da função social do museu e sobre o novo arranjo de museu contemporâneo que se apresenta atualmente, foi feito um exercício de reflexão acerca dos museus contemporâneos, e sua transposição para as novas demandas da sociedade, pela figura da museologia e da nova museologia. Passar um olhar ou fazer um panorama na arquitetura mais especificamente nos museus foi um exercício de grande valia.

O que se pretendia neste artigo era exemplificar esses museus sobre essa ótica. Não se pretendeu aqui encontrar resultados concretos, pois isto corresponde a uma reflexão que possui outros desdobramentos.

## 6 AGRADECIMENTOS

À George Dantas pelo exemplo de profissionalismo.

À CNPq pelo auxílio financeiro.



## 7 REFERÊNCIAS

FABBRINI, Ricardo. A fruição nos novos museus. Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas. v. 11, n. 19, jan./jun. p. 245-268, 2008.

FISCHIMANN, Daniel Pitta. O projeto de Museus no Movimento Moderno: principais estratégias na década de 1930-60. Dissertação de Mestrado. PROPARG/UFRGS, Porto Alegre, 2003.

FRANCO, Maria Ignez Mantovani. O processo de elaboração do programa museológico.

Seminário.Arquitetura.em.museus:.perspectivas.contemporâneas.2006..Disponível.em:<[http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/palestras/memo\\_info/mi\\_2006/FCRB\\_Memorial\\_informacao\\_MariaIgnezFranco.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/palestras/memo_info/mi_2006/FCRB_Memorial_informacao_MariaIgnezFranco.pdf)>, acesso em: 12 MAI 2010

GHIRARDO, Diane Yvonne. Arquitetura contemporânea: uma história concisa. Tradução Maria Beatriz de Medina. – 2ª Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. – (Coleção mundo da arte) ISBN 978-85-7827-076-6

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. Entre cenografias: O Museu e a Exposição de Arte no século XX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2004. ISBN 85-314-0851-2

KIEFER, Flavio. Arquitetura de Museus.Publicação na revista impressa semestral do Departamento de arquitetura e do PROPARG-UFRGS.UniversidadeFederaldoRioGrande.do.Sul.:Porto.Alegre,.2000.Disponível.em.<<http://www.ufrgs.br/proparg/publicacaoe>

s/ARQtextos/PDFs\_revista\_1/1\_Kiefer.pdf>, acesso em:11 MAI 2010

RANGEL, Vera Maria Sperandio. A organização cultural museal: os desafios e vetores dos paradigmas tradicional e contemporâneo. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Filosofia e Ciências humanas. Porto Alegre, 2007.

SANTOS, Maria Célia Moura. Uma abordagem museológica do contexto urbano. Cadernos de Museologia Nº5, 1996.

SILVA, Paula Zasnicoff Duarte Cardoso da. A Dimensão Pública da Arquitetura em Museus: Uma Análise de Projetos Contemporâneos. Dissertação de Mestrado. Escola de Arquitetura da UFMG, Belo Horizonte, 2007.

SANTOS, Vânia Carvalho Rola. Cultura, identidade e memória: uma leitura informacional dos museus históricos em ambientes comunitários. Dissertação (mestrado) – UFMG, Escola de Ciência da Informação, 2005. Disponível em: <http://bibliotextos.filies.wordpress.com/2011/12/uma-leitura-informacional-dos-museus-histc3b3ricos.pdf>, Acesso em:14 JUL 2012

## NOTAS

<sup>i</sup> O conceito de novo museu se entende museu novo, entretanto, na dissertação há um tópico exemplificado na fala de alguns autores, por exemplo, Josep Maria Montaner que novo museu corresponde não só um museu inédito como também um museu que sofreu

---

modificações para que se cumprisse exigências e regulamentos tratados pelo ICOM.

ii Tornou-se um dos principais responsáveis pelo movimento da Nova Museologia, quando a partir de 80 privilegia e considera o novo paradigma social dos museus. Define a Museologia seguindo as ideias de Stránský e Gregorová, como a ciência que estuda a relação específica do homem com a realidade. Hoje, juntamente com François Mairesse, Desvallées é um dos teóricos do International Committee for Museology (ICOFOM).

iii Termo utilizado por Fischmann para nomear e classificar os Museus Nacionais.

iv Jean-Nicolas-Louis-Durand, primeiro professor da *École Polytechnique*, Paris, adotou um modelo de projeto dos grandes palácios, seguidos por muitos arquitetos, por outro lado gerando problemas crônicos como amontoamento das salas e dificuldade de comunicação com público.

<sup>v</sup>Site onde se comercializa souvenirs, no Museu de Arte Contemporânea, Los Angeles. Disponível em: <http://www.mocastore.org/>, acesso em NOV 2011.